

SOPRO
75

IBURA-SÉNÉ

Christian Bouthemy



CULTURA E BARBÁRIE

Christian Bouthemy

IBURA-SÉNÉ UM CALEIDOSCÓPIO

Edição bilíngüe
Tradução de Joca Wolff

A vida e a morte num caleidoscópio

Ibura-Séné: como conciliar estas duas palavras inconciliáveis senão através da voz e do nome do poeta perdido? Não há ponto de partida nem de chegada: se *Figuras Poentes Traços* (1983; ver edição bilíngüe no **SOPRO** 57) abrem um modo de *escrever*, os poemas de *Ibura-Séné* (Par delà les mythes éditeurs, 2011) fazem e refazem o mesmo gesto diferido na poeira e na lama das distâncias. Longas distâncias percorridas no decurso de uma vida sem *bios*: *Je n'existe pas* seria o epíteto apropriado para Christian Bouthemy (Saint-Nazaire, França, 1956?), o poeta que desapareceu *sem nunca ter deixado de publicar*. O que segue, portanto, não são pistas para um leitor ideal desses poemas mas, antes, migalhas delas: a vida e a morte *na* e *sobre* a estrada.

Na estrada porque o que se lê neste livro são rastros de viagens, viagens móveis e também imóveis, para dentro e para fora de si mesmo, com e sem direção. *Sobre* a estrada porque este foi, literalmente, o ponto de vista do poeta em sua casamata pernambucana: pendurado na favela sobre uma auto-estrada, toda “a dor dos motores / dos caminhões transbrasileiros”. Ibura de Cima, comunidade pobre de Recife, com o mais baixo IDH da capital de Pernambuco, onde o poeta vive quando está no Brasil. Península Séné, na Bretanha francesa, região rica em vestígios celtas e abrigo do poeta durante oito meses de 2001, em um hospital. Da conjugação dessas experiências dos limites nasceram esses poemas, disparados no entanto pela primeira viagem de Bouthemy, aos 16 anos, a Szeged, na Hungria dos anos de chumbo.

À diferença dos primeiros livros, os últimos poemários (publicados ou por publicar), ainda que guardem em toda sua potência o *non-sense* característico do poeta, apresentam-se mais prosaicos, narram pedaços de histórias em paisagens e atmosferas invariavelmente tensas e concentradas. A melancolia, mas igualmente a violência embutida em todas as coisas. Mais que a vontade de viver ou morrer, o desejo de viajar. A força das torções sintáticas em nome do amor livre, “em que outra paragem? que outro antro?”. A magia dos registros vulgares e os tons de azul que os negam. A voz grave capaz de secar as conchas em Séné: caminhar significa ler e vice-versa. Os cinzas da cor do cisco nos olhos, capazes de abrir um corpo para o outro. O rumor e o embrulho das línguas em brasas e cinzas. A confiança cega nos poderes do esquecimento. A Hungria, mas também a Geórgia: em Tbilissi, toda a vertigem de “uma estrela soletrando as outras”. O frio e o calor mais duros, sem meio termo. O branco das neves, o preto dos pneus sobre um solo escondido. Todo o silêncio impossível de dentro e de fora das coisas. Um olhar diário sobre a violência e a velocidade. A sinopse de um dia que se extingue pela vida inteira. Os prazeres e movimentos do álcool e do sexo, não fazendo nada, absolutamente nada “por medo de que seja tarde demais”. Os ruídos da música e do cinema mudos em relevo. O sol – “branco de necessidade” – e a água – invisível. Os usos e o *ouzo* do nordeste: *pitú*. As vitórias e as possessões por amor à farsa do amor das mulheres. A ida e a volta sem volta da desesperança, em Szeged, Tbilissi, Saint-Nazaire, Recife ou Montevidéu.

Mas, se o azul se cansa, ele persiste, conciliando o inconciliável: Ibura-Séné.

Jorge “Joca” Wolff

Para Isabel Cristina

“Tentávamos nos livrar do *trompe l'oeil*
para descobrir um *trompe l'esprit*”

“On essayait de se débarrasser du trompe l'oeil
pour découvrir un trompe l'esprit”

Picasso

Essa noite passada, um catre sobre um cimento frio. Na peça adjacente a família olhava uma tevê de tela oval onde oficiava um triste porta-voz em preto e branco, de uma voz tão cinza quanto o cimento áspero do vestibulo. A língua magiar nessa circunstância não agregou nenhum imprevisto, ou súbita expressão ao ambiente.

Entretanto no dia seguinte alguns sorrisos tão juvenis quanto o meu me acompanharam até o ônibus para Mako.

Eu tinha chegado é verdade a Szeged uma tardinha ao azar.



É uma casamata sumária, sentada no cume da favela, portanto rica de um ponto de vista. A gente passa o dia na soleira entre ler, fumar, beber e deixar livre o olhar às iluminações pacientemente modificadas dos fixos pontos em oposição.

Cette nuit passée, une paillasse sur un béton froid. Dans la pièce adjacente la famille regardait un téléviseur à l'écran ovale où officiait un triste porte-parole en noir et blanc, à la voix aussi grise que le béton mal lissé du vestibule. La langue magyare en cette circonstance n'ajouta aucun imprévu, ou subite expression à l'ambiance.

Pourtant le lendemain quelques sourires aussi juvéniles que le mien m'accompagnèrent jusqu'au bus pour Mako.

J'étais arrivé il est vrai à Szeged un soir de hasard.



C'est une casemate sommaire, sise au sommet de la favela, donc riche d'un point de vue. On y passe au perron le jour entre lire, fumer, boire et laisser libre le regard vers les luminosités patiemment modifiées des fixes points opposés.

Eu sei o valor das nuvens daqui, elas vêm quase sempre do sul, arrastando o nada, poucas histórias, de algumas terras sequer povoadas de orangotangos e deságuam aqui em apenas uma hora o que jamais se ousou perguntar.

Dessa água salobra, parecia que haveria um pouquinho da Antártida, água com que se enchem os rios antes de vomitar seu vagalhão pelo estuário afora.

Aqui como alhures os rios são corpos que não podem mais. Que lhes mudem os nomes, nem assim têm cura.

Vamos lá expelir todos os nomes que os nomearam antes do grande afogamento. Só ele tem direito. Nomeado por aquilo que passa, escruta, não pelo afogado.

Je sais la valeur des nuages d'ici, ils viennent du sud souvent, charriant le rien, peu d'histoires, de quelques terres pas même peuplées d'orangs-outans et déversent ici en à peine une heure ce que l'on a jamais osé demander.

De cette eau demi-salée, il semblerait qu'il y ait quelque peu de l'Antarctique, eau dont s'engrossent les fleuves avant de vomir leur trop plein par-delà l'estuaire.

Ici comme ailleurs les fleuves sont des corps qui n'en peuvent plus. Qu'on leur change le nom ils n'en ont cure.

Voilà dégueuler tous les noms qui les nommèrent avant la grande noyade. Elle seule a droit. Nommée par celui qui passe, scrute, non par le noyé.

Amanhã, quer dizer diante de mim, depois que se apagam as diferentes flamas de alguém se preparando para não ser o mesmo, algumas lâmpadas indicam a clivagem da outra margem.

Eu não distingo mais os deslocamentos, as corridas, esse cinema mudo que me toma desde minha porta.

A estrada dupla de onde mal me vem a dor dos motores dos caminhões transbrasileiros, gemendo apesar dos cromos rutilantes mascarando as fadigas, acontece de eu tomá-la furtivamente, algumas centenas de metros com o ônibus UR II.

Jamais eu passaria sobre a tela de meu cinema em relevo.

Mesmo as nuvens de viés que fogem dela não vêm se apaziguar na minha casa. Quando chove são as nuvens da sacada.

Então essa outra margem, essa tela onde se esfalfam os personagens mudos de meu contemporâneo reanima o caleidoscópico de minha memória:

- uma estada por cima de uma margem do Tarn – uma comida em Cracóvia, um inverno após atravessar a Europa de ônibus, eu me sabia ali no último acre da terra plana. Então decerto que a rotundidade era a mentira da modernidade!

- A chegada de um crepúsculo a algumas verstras de uma Tchetchênia em guerra, a serpente guardiã da morada

Uma tarde de solidão sob a chuva em Belize

- Uma quase manhã embebida em vodka no terraço de um meio imóvel de Tbilissi depois de uma festa mundana

- Costas viradas para a mais antiga igreja armênia

- Passeio de noite entre as noites da floresta em Orissa

- E sobretudo o deserto de uma falta de sono em todas as camas visitadas

Demain, c'est-à-dire devant moi, après que s'éteignent les différentes lueurs d'un se préparant à ne plus être le même, quelques lampes indiquent la déclivité de l'autre rive.

Je ne distingue plus les déplacements, les courses, ce cinéma muet qui m'occupe depuis ma porte.

La double route dont me parvient à peine la douleur des moteurs des camions trans-brésiliens, geignant malgré les chromes rutilants masquant les fatigues, il m'arrive de l'emprunter furtivement, quelques centaines de mètres par l'omnibus UR II.

Jamais je n'irai sur la toile de mon cinéma en relief.

Même les nuages de biais qui fuient l'écran ne viennent s'assouvir sur ma case. Quand il pleut ce sont les nuages du balcon.

Alors cette autre rive, cet écran où s'évertuent les personnages muets de mon contemporain ravive le kaléidoscopia de ma mémoire :

- un séjour par-dessus une rive du Tarn – un repas à Cracovie, un hiver ayant traversé l'Europe en bus, je me savais là à l'ultime arpent de la terre plate. Alors certain que la rotondité était le mensonge de la modernité !

- L'arrivée du crépuscule à quelques verstes d'une Tchetchénie en guerre, le serpent gardien de la maison

Un soir de solitude sous la pluie à Belize

- Un presque matin imbibé de vodka à la terrasse d'un demi immeuble de Tbilissi après une fête mondaine

- Un dos tourné à la plus vieille église arménienne

- Marche de nuit parmi les nuits de la jungle en Orissa

- Et surtout le désert d'un manque de sommeil dans tous les lits visités

Usar o infinito, essas flamas
outro que si
perceber que em frente
um caminhão rasga um pneu
ou que uma mulher abre
as coxas

Visar o infinito para não saber
As coxas abertas para ela mesma
o outro sexo repara o pneu rasgado
um caminhão enfim se perde

ele visa o infinito esse nada,
esse caminhãozinho que eu tenho
nas minhas mãos

Eu viso de manhã à noite
essa rua digna dos corpos
de um filme sem fala
senão que se aprende aí a violência
enterrada, silenciosa
pontuada de breves estrondos

o ruído de uma arma despedaçando
a usura da película

Eu escruto noite e dia
o mistério da casa violácea,
guardada por duas palmeiras, semioculta

por uma mangueira
só alguns panos a secar
tenderiam a provar que se enterra ali
uma parte qualquer de humanidade

User l'infini, ces lueurs
autre que soi
s'apercevoir qu'en face
un camion a crevé son pneu
ou qu'une femme ouvre
les cuisses

Viser l'infini pour ne pas savoir
Les cuisses ouvertes pour elle-même
l'autre sexe répare le pneu crevé
un camion enfin s'égare

il vise l'infini ce rien,
ce petit camion que je tiens
dans mes mains

Je vise du matin au soir
cette rue digne des corps
d'un film sans parole
sinon qu'on y apprend la violence
terrée, silencieuse
ponctuée de brefs fracas

le bruit d'une arme déchirant
l'usure de la pellicule

Je scrute soir et matin
le mystère de la maison violine,
gardée par deux palmiers, demi cachée

par un manguier
seuls quelques linges à sécher
tendraient à prouver que s'y terre
une quelconque part d'humanité

Era um noturno, justo
uma lua cheia se ausentando
apenas desejada pelo
céu e suas nuvens

Sem dúvida obrigar as árvores
a se pensar e deixar correr
o vento

Essa tardinha nessa cidade
nenhum gato deslizava e
mais eu andava, a cada passo
se extinguia a vontade de viver.



Compreenda que nessa noite eu me lembro de um sonho de vinte anos atrás. Havia um ciclone nesse dia em Montevidéu que eu não conhecia então.

Nós rodávamos juntos você que eu desejava. O oceano estava mais cinza que o tempo e o medo que nos obrigou a fazer amor num portinho sem nome.

Mal a gente fez amor, eu fugia para Montevidéu.

Eu despertei nessa noite, deixando esse sonho retomar sua gramática e suas latitudes, em que outra paragem, que outro antro?

C'était un nocturne, juste
une pleine lune s'absentant
à peine désirée par
le ciel et ses nuages

Sans doute obliger les arbres
à se penser et laisser choir
le vent

Ce soir dans cette ville
nul chat ne traînait et
plus je marchais, à chaque pas
s'éteignait l'envie de vivre.



Comprenez que cette nuit je me souviens d'un rêve d'il y a vingt ans. Il faisait cyclone ce jour à Montevideo que je ne connaissais à l'époque.

Nous roulions ensemble toi que je désirai. L'océan était plus gris que le temps et la peur qui nous obligea à faire l'amour dans un petit port sans nom.

A peine nous fîmes l'amour, je m'enfuyais pour Montevideo.

Je me suis réveillé cette nuit, laissant ce rêve reprendre sa grammaire et ses latitudes, vers quelle autre contrée, quel autre antre ?

A madeira sobre a qual eu te escrevo
não é nobre – mas ela permite
me permite –
minhas mediações que serão sempre,
sempre será um céu oculto
sob uma vaga desconcertada.

Você percebeu esse pinheiro
seguro de seu verdor
parece
quase azul de idade.



A península Séné,
duas vezes a pé a volta do hipódromo
a tempo de curtir “I’m your man”
Cohen ainda até o refúgio do bistrô

Entrar na voz do dono
e fixar essa foto fora da norma
dos trópicos

A gente se pega a sonhar
ser farpa no olho de uma lua

E apesar de tudo, estilo indispensável
os gestos inseguros
com vontade e miséria deixar cair
o resto das cinzas
numa concha seca.

Le bois sur lequel je t’écris
n’est pas noble – mais il permet
me permet –
mes truchements qui seront toujours,
toujours sera un ciel caché
sous une vague interloquée.

As-tu remarqué ce pin
assuré de sa verdure
semble-t-il
presque bleu d’âge.



La presqu’île Séné,
deux fois à pied le tour de l’hippodrome
le temps d’apprécier « I’m your man »
Cohen encore jusqu’au refuge du bistrot

Entrer dans la voix du patron
et fixer cette photo hors norme
des tropiques

On se prend à rêver
être esquille dans l’œil d’une lune

Et malgré tout, style indispensable
les gestes mal assurés
avec volonté et misère laisser tomber
le reste des cendres
dans un coquillage séché.

Não acreditar
esse pouco de si
que reúne

Um pouco de preto
o cinza dos olhos
apenas aberto.

Se bastasse você
para que meu corpo se ofereça



A manhã sem hora
uma árvore atingindo
a imobilidade

eu pego fogo com todos
meus medos.

E não mais esperar de si
senão se rebelar mal vestido
de folhas em línguas
embrulhadas.

Ne pas croire
ce peu de soi
qui rassemble

Un peu de noir
le grisé des yeux
à peine ouvert.

S'il suffisait de toi
pour que mon corps s'offre



Le matin sans heure
un arbre atteignant
l'immobilité

je m'embrase de toutes
mes peurs.

Et ne plus attendre de soi
sinon se rebeller mal habillé
de feuilles en des langues
embrouillées.

À tardinha, no fino fundo de um bar
que me entedia
eu sei teu *métier*.

Então uma nova neve virá,
com certeza ocultando os rastros
vestindo a precedente.

Essa solidão absoluta de
acreditar no esquecimento



Nessa noitada em Tbilissi
tão frio eu mirava
do alto dessa sacada sem proteção

uma estrela soletrando as outras

Ce soir, au fin fond d'un bar
qui m'ennuie
je sais ton *métier*.

Alors une nouvelle neige viendra,
avec sûreté enfouissant les traces
habillant la précédente.

Cette absolue solitude de
croire en l'oubli



Cette soirée à Tbilissi
si froid je regardai
du haut de ce balcon sans rambarde

une étoile épelant les autres

A neve dura
como um lenho silencioso

meus olhos negros,
como esses pneus luzindo
sobre seus traços estacados

No sinal vermelho
No entorno era tempo

Apenas as portinholas cerradas
o pneu tão duro quanto o preto
do olho

o lenho se consumira
sem palavra inaudível

o silêncio, apesar da neve
tinha seu tempo
submerso sob meus olhos

La neige dure
comme un bois silencieux

mes yeux noirs,
comme ces pneus luisant
sur leurs traces arrêtées

Au feu rouge
A l'entour il était temps

A peine les portières refermées
le pneu aussi dur que le noir
de l'oeil

le bois s'était consumé
sans parole inaudible

le silence, malgré la neige
avait son temps
enseveli sous mes yeux

Esse branco quebrado
 como o vidro,
destruído umidificante, se suja
 essas ranhuras enegrecem

a sombra pertence ainda
 à sua tenacidade deslizante

ele se sabia correndo às avessas

os olhos esperavam a hora,
 o incerto espelho de um sol branco

ele escreve como impelindo esse pedrisco
 deslocado, um caminho de través

bem a seu abrigo, a pedra é de lugar

O que ele espera andando sobre a ausência de sombra
 a efigie perdida e sua marca
 sobre um solo escondido

Ce blanc cassé
 comme la glace,
détruite humidifiante, se salit
 ces gerçures noircissent

l'ombre appartient encore
 à sa ténacité glissante

il se savait courant à rebours

les yeux attendaient l'heure,
 l'incertain miroir d'un soleil blanc

il écrit comme poussant ce caillou
 déplacé, un chemin de travers

bien à son abri, la pierre est de place

Qu'attend-il marchant sur l'absence d'ombre
 l'effigie perdue et sa marque
 sur un sol caché

Eu lia no crepúsculo das luzes
nesse tempo seu medo suava seus medos
seu olhar fechou meu livro e você pediu

A lua se apagou quando meu corpo
penetrou no vapor das pedras

não nos restava mais que uma imagem passada
de uma lua
congelando nosso calmo e frio esplendor

Je lisais au couchant des lumières
en ce temps ta peur suait tes peurs
ton regard ferma mon livre et tu commandas

La lune s'éteignit quand mon corps
pénétra la vapeur des pierres

il ne nous restait qu'une image passée
d'une lune
figeant notre calme et froide splendeur

Sinopse

- 11h Encher o tanque
compras : Pat Benatar, Elvis Costello
140 km/h
- 12h Refeição borrifada. Projeto J. Moreau
- 14h Vídeos: Ferrara Vício frenético
Lynch Sailor & Lula
- 17h Uísques, depois mulher, sem dúvida Sylvie
- 19h Partida ou retorno
um dia em marcha-à-ré
120 km/h

Um dia pode se extinguir pela vida

Eu estou enquanto isso, comigo, com armas iguais, não fazer nada por medo que seja tarde demais.

Synopsis

- 11h Faire le plein
achats: Pat Benatar, Elvis Costello
140 km/h
- 12 h Repas arrosé. Projet J. Moreau
- 14h Vidéos : Ferrara Bad lieutenant
Lynch Sailor and Lula
- 17 h Whiskies, puis femme, sans doute Sylvie
- 19h Départ ou retour
une journée en marche arrière
120 km/h

Une journée peut s'éteindre pour la vie

Je suis désormais, avec moi, à armes égales, ne rien faire de peur qu'il ne soit trop tard.

O sol, branco por hábito algumas conchas disputavam
o mar para se retirar tomava um tempo sem parar o nosso.
A água, invisível, se preparava ali, sem saber a esquecida
a travessia até os joelhos molhada, o uso se faz

Um ladrilho se abre, à contraluz as cortinas, penumbra
os ruídos se inventam minuto, o restante conchas
ausência de cores por algumas aventuras ocasionais, olha aí

Surgiu longe do tempo, erva não usada a memória
é assim prepara o escuro, se dobra induz crê.
quando ela se abre se ofusca o caramujo desmascarado.

O sol branco de necessidade, algumas carcaças disputam
o mar para se retirar, sede de seu tempo, sem parada
a água em cima se livrava de um mau passo, a esquecida se preparava
sozinha até os joelhos, tremendo com o uso

feita a travessia, longe lá longe rumo a Nova York

para Eleni S.

Le soleil, blanc par habitude quelques coquillages disputaient
la mer pour se retirer prenait un temps sans arrêt le notre.
L'eau, invisible, s'y préparait, sans savoir l'oubliée
la traversée jusqu'aux genoux mouillé, l'emploi se fait

Un carreau s'ouvre, à contre jour les volets, pénombre
les bruits s'inventent minute, le restant coquillages
absence de couleurs pour quelques hasardeuses aventures, voilà

Surgit loin du temps, herbe inemployée la mémoire
c'est ainsi prépare l'obscur, se ploie induit croit.
quand elle s'ouvre s'offusque la coquille démasquée.

Le soleil blanc de nécessité, quelques coques disputent
la mer pour se retirer, soif de son temps, sans arrêt
l'eau sure se sortait d'un faux pas, l'oubliée se préparait
seule jusqu'aux genoux, tremblant de l'emploi

s'est faite la traversée, loin là bas vers New York

pour Eleni S.

Esse mapa do mundo solitário, descrevendo as curvas e os pensamentos de uma vida, fazemos ideia? Nada de mais estranho que um riuzinho separando as valetas, as vitórias, as possessões, e o olho se diverte com o olhar extenuado que não aceita sua fuga.

A liberdade escorre junto do sangue, como uma linfa do espírito.
Eu pensei em deixar as mulheres para me salvar, eu volto a elas pelo amor da farsa.

Cette carte du monde solitaire, décrivant les courbes et les pensées d'une vie, y figurons-nous ? Rien de plus étrange qu'un ruisseau séparant les vallons, les victoires, les possessions, et l'oeil s'amuse du regard épuisé qui n'accepte pas sa fuite.

La liberté coule côte à côte du sang, comme une lymphe de l'esprit.
J'ai cru quitter les femmes pour me sauver, je reviens vers elles par l'amour de la farce.

EPÍLOGO

Saint-Nazaire ida e volta

1) Eu parti com ela, a ida e volta não estava posta. Quando a porta da garagem de meu avô se fechou, ele não cuidou da desesperança.

Eu lembrei ainda do barulho de escamas desse azul cansado.

2) Um dia que eu pensava definitivo, gratificado de decepções, eu voltei. Quando a casa me apareceu, sob as escamas mais numerosas de porte incerto, um semblante de azul persistia.

“Não existe mão a apertar, nem borda que se possa pegar e desfazer.”

Annie Dillard

Szeged 1972 / Ibura 2011

EPILOGUE

Saint-Nazaire aller et retour

1) Je partis avec elle, l’aller retour n’était de mise. Quand la porte du garage de mon grand-père se referma, il ne prit soin de la désespérance.

Je me souvins encore du bruit d’écailles de ce bleu fatigué.

2) Un jour que je croyais définitif, gratifié des déboires, je revins. Quand la maison m’apparut, sous les écailles plus nombreuses à la tenue incertaine, un semblant de bleu persistait.

« Il n’y a pas de main à serrer, pas de bord qu’on puisse saisir pour le dénouer. »

Annie Dillard

Szeged 1972 / Ibura 2011